

DOI: 10.5281/zenodo.22181910

A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO NA TEORIA LACANIANA: FRAGMENTAÇÃO, DESEJO E A ERA DIGITAL

Alvaro Luiz Martins Nortok¹

Resumo: Este artigo explora a concepção de sujeito na teoria de Jacques Lacan, analisando a fragmentação da identidade e o papel da linguagem na constituição do sujeito. A relação entre desejo, ausência e a influência das novas tecnologias digitais na subjetividade contemporânea também é discutida, destacando como o sujeito contemporâneo lida com as demandas da sociedade atual. Através de uma análise das fases de desenvolvimento do sujeito e da sua relação com pulsões e desejos, o artigo investiga como a falta e o desejo moldam a experiência subjetiva, especialmente na era digital. A obra de Lacan é reinterpretada à luz das interações contemporâneas, ressaltando a relevância da psicanálise na compreensão do sujeito moderno.

Palavras-chave: Lacan, sujeito, desejo, fragmentação, tecnologia, psicanálise.

THE CONSTITUTION OF THE SUBJECT IN LACANIAN THEORY: FRAGMENTATION, DESIRE, AND THE DIGITAL AGE

Abstract: This article explores the conception of the subject in Jacques Lacan theory, analyzing the fragmentation of identity and the role of language in the constitution of the subject. The relationship between desire, absence, and the influence of new digital technologies on contemporary subjectivity is also discussed, highlighting how the contemporary subject deals with the demands of today's society. Through an analysis of the phases of the subject's development and its relationship with drives and desires, the article investigates how lack and desire shape subjective experience, especially in the digital age. Lacan's work is reinterpreted in light of contemporary interactions, emphasizing the relevance of psychoanalysis in understanding the modern subject.

Keywords: Lacan, subject, desire, fragmentation, technology, psychoanalysis.

¹ Graduado em Filosofia Licenciatura, Bacharel em Teologia, Pós graduado em Psicologia, Pós graduado em Psicanálise Clínica, mestrando do Curso de Filosofia da Psicanálise PUC- Curitiba. E-mail para contato: alvaro_nortok@hotmail.com

INTRODUÇÃO

A psicanálise, especialmente a teoria lacaniana, oferece uma abordagem singular para compreender a constituição do sujeito. Jacques Lacan, um dos principais teóricos da psicanálise no século XX, propõe um sujeito fragmentado e instável, formado a partir da linguagem e atravessado pelas formações do inconsciente. Essa visão contrasta com a concepção freudiana mais tradicional de um sujeito coeso e unificado. Este artigo visa explorar a visão lacaniana do sujeito, destacando a centralidade do desejo e a influência das novas tecnologias digitais na subjetividade contemporânea.

A análise lacaniana não trata apenas da psicopatologia, mas também da forma como o sujeito se relaciona com seu próprio desejo e com a linguagem que o constitui. Partindo dessa premissa, o artigo se divide em seções que abordam a constituição do sujeito, o papel da transferência, o estágio do espelho e as implicações da era digital na subjetividade contemporânea.

1 A VISÃO DE SUJEITO: A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO

Na teoria de Jacques Lacan, o sujeito é compreendido como uma construção fragmentada e instável, originada na linguagem e atravessada pelas formações do inconsciente. Lacan reformula a noção de sujeito de forma radical, apresentando uma visão que desafia as concepções tradicionais da psicanálise. Segundo (Lacan 1985, p. 28), o “inconsciente estruturado como linguagem” opõe-se à redução do inconsciente a uma reserva de pulsões selvagens que não foram domadas pelo Eu. O inconsciente lacaniano é o espaço onde a fala transferencial é mobilizada, onde o sujeito (do desejo) inconsciente se deixa ouvir e pronunciar uma nova verdade, que escapa do símbolo. De um lado, isso torna a compreensão mais difícil; de outro, abre-se para uma maior compreensão de como ser sujeito na própria existência.

Esse conceito implica que o sujeito não é algo dado, mas sim um efeito das relações simbólicas. Essa estruturação do inconsciente revela que o sujeito é moldado não apenas por suas experiências internas, mas também pelas interações sociais e

culturais que o cercam. Desde a tenra infância, a criança recebe inúmeras interações que contribuem para a formação ou desestabilização de sua personalidade, tanto em relação ao exterior experimentado quanto ao seu interior fragmentado. A fragmentação da identidade é uma questão central na obra de Lacan. Ele propõe que o sujeito se constitui a partir de uma ausência fundamental — uma falta originária que o define e o move. É essa carência estrutural que faz surgir o desejo, que está sempre direcionado ao que escapa, ao que não se tem. O "Outro", na teoria lacaniana, é o lugar de onde vêm os significados, os códigos da linguagem e as imagens com as quais o sujeito se identifica. Portanto, pensar o sujeito em Lacan é compreender como ele se forma no entrelaçamento com o simbólico, sendo sempre atravessado por desejos, ausências e pelas palavras do Outro que o nomeiam e o sustentam. Essa dinâmica entre o sujeito e o Outro é fundamental para a psicanálise, pois estabelece um campo de significantes que moldam a experiência subjetiva e a identidade do indivíduo. Diante da constituição desse sujeito fragmentado pela sua experiência de eu e a dimensão simbólica do outro, como objeto ou sujeito em si mesmo há um desenvolvimento seguinte.

1.1 Fases de Desenvolvimento do Sujeito

As fases da vida e identidade do sujeito vão acompanhando seu desenvolvimento. Lacan descreve que as fases subsequentes do desenvolvimento trazem consigo a relação sujeito-objeto. Se o sujeito vivencia as fases iniciais de forma saudável, estará mais preparado para lidar com pulsões e desejos ao longo da vida. Caso contrário, enfrentará complexidades adicionais em sua vivência humana, especialmente no que se refere às neuroses. Embora o tema das neuroses não seja o foco principal, é importante reconhecer como essas fases impactam a formação do sujeito e suas interações futuras. A vida adulta depende de como a subjetividade foi se formando no decorrer de sua infância e outras fases.

O autor Jacques Lacan é um dos marcos da psicanálise porque propôs uma reinterpretação radical da psicanálise de Freud, introduzindo o conceito de sujeito falante. De um lado a falta que poderá manifestar neuroses futuras ou dificuldades do

sujeito em tantos relacionamentos ou interações internas e externas, de outro lado o sujeito da fala e da linguagem, da relação simbólica e manifesta.

Para Lacan, o sujeito não é somente um ser biológico ou psicológico, dotado de vida e movimento, mas um ser constituído pela linguagem.

Para Jacques Lacan, a linguagem desempenha um papel central na constituição do sujeito e no funcionamento do inconsciente. Ele reformulou a psicanálise freudiana ao enfatizar que "o inconsciente é estruturado como uma linguagem" (Lacan, 1973), o que significa que o inconsciente opera através de significantes e é organizado de maneira similar à linguagem. Isso implica que, para entender o sujeito, é necessário considerar a forma como a linguagem molda suas experiências e desejos.

Lacan distingue entre significante e significado, afirmando que "o significante é aquilo que representa o sujeito para um outro significante" (Lacan, 1973). Essa relação entre significante e significado é fluida, refletindo a dinâmica do desejo humano, que está sempre direcionado a um objeto que escapa à plena realização. Neste sentido que está o descentramento do sujeito. No livro *Écrits*, p. 801, descreve:

Esse corte da cadeia significante é único para verificar a estrutura do sujeito como descontinuidade no real. Se a linguística nos promove o significante, ao ver nele o determinante do significado, a análise revela a verdade dessa relação, ao fazer dos furos do sentido os determinantes de seu discurso.

A linguagem também está intimamente ligada ao conceito de "Outro", que representa a ordem simbólica e cultural em que o sujeito está inserido. O Outro é descrito por Lacan como "o lugar onde se articula a cadeia significante" (Lacan, 1973), sendo a fonte de significados e normas sociais que moldam a identidade do sujeito. A entrada na linguagem implica a submissão a essa ordem do Outro, onde o sujeito é nomeado e reconhecido.

Além disso, a linguagem está relacionada à noção de falta. Lacan argumenta que "a falta é o que constitui o desejo" (Lacan, 1973), pois é a partir dela que o desejo emerge. O desejo, como Lacan destaca, "nunca pode ser plenamente satisfeito, pois está sempre ligado a algo que o sujeito não pode alcançar" (Lacan, 1973), e a linguagem expressa essa busca incessante.

Por fim, Lacan divide a experiência humana em três registros: o Real, o Simbólico e o Imaginário. A linguagem é parte do registro simbólico, que organiza a experiência e a subjetividade. Essa tríade é crucial para entender como os indivíduos interagem com suas realidades psicológicas e sociais.

Em resumo, para Lacan, a linguagem não é apenas um meio de comunicação, mas a estrutura fundamental que molda a subjetividade, o desejo e a dinâmica do inconsciente. A forma como o sujeito se relaciona com a linguagem e com o Outro é central para a compreensão da experiência humana na psicanálise.

Ele acreditava que a linguagem é fundamental na formação da identidade do sujeito e que é através dela que o inconsciente se estrutura. Esse deslocamento enfatiza a ideia de que o sujeito é marcado pela falta e pelo desejo, sempre em busca de um objeto que nunca pode ser plenamente alcançado.

Nos seus seminários, especialmente "Os Nomes do Pai" e "A Ética da Psicanálise", Lacan discute o papel do simbolismo e da cadeia significante na formação do sujeito. Ele demonstra como o sujeito falante está enredado em um campo de significantes, onde a falta é uma condição essencial da experiência humana. A fala é uma dessas cadeias de significantes que a subjetividade vem demonstrando e com essa forma de linguagem o que é externo e interno é demonstrado ou analisado. Diante desse tema do desenvolvimento do sujeito surge do mesmo algo que reafirma a estrutura do desejo, esse que nunca será saciado e o objeto a.

1.2 A Estrutura do Desejo e do Objeto a

A ideia de que "o inconsciente é estruturado como uma linguagem" se torna central em sua obra, implicando que o desejo do sujeito é sempre mediado por uma falta que nunca pode ser satisfeita por completo. Em "O Seminário 20: Mais Além do Princípio do Prazer", Lacan explora como essa estrutura do sujeito falante se manifesta na dinâmica dos desejos e na forma como a subjetividade é formada através da linguagem e das relações com os outros.

Para Jacques Lacan, a subjetividade é um conceito complexo que se refere à experiência individual de ser um sujeito, profundamente ligada à linguagem, ao

inconsciente e às relações sociais. Ele argumenta que a subjetividade é constituída na relação com a linguagem, afirmando que "o inconsciente é estruturado como uma linguagem" (Lacan, 1973). Isso implica que a linguagem não é apenas um meio de comunicação, mas a estrutura que molda a experiência subjetiva. Pela linguagem que o sujeito se mostra. Isso pode acontecer especialmente na análise onde há o reavivamento das relações simbólicas de tudo o que foi vivido interpretando à luz do consciente partes anteriores que poderiam ter sido recalcadas desde a primeira infância. A entrada no mundo simbólico — através da linguagem — é essencial para a formação da identidade do sujeito. Nesse mundo simbólico poderia destacar especialmente os sonhos e a sua interpretação. Segundo (JORGE, 2022 p. 169) "o sonho tem efeito de quebra-cabeças feito de figuras, no qual as imagens tem um valor de significante"

Lacan destaca nesses temas complexos que a subjetividade é marcada pela fragmentação. O sujeito não é um ser unificado, mas uma construção composta por partes que estão em constante tensão. A noção de que "o sujeito é dividido" é fundamental em sua teoria, onde a falta e o desejo são forças motrizes que influenciam a experiência subjetiva. Nesse contexto, a subjetividade é também moldada pelas relações com o Outro, que representa a ordem simbólica e cultural. Lacan introduz o conceito de "Outro" como um lugar de significação, onde o sujeito busca reconhecimento e validação. Assim, a subjetividade é sempre relacional e intersubjetiva, sendo influenciada pelas trocas simbólicas e sociais.

Além disso, a subjetividade é intrinsecamente ligada à noção de falta. Lacan afirma que "a falta é o que constitui o desejo" (Lacan, 1973). O desejo é, portanto, uma busca incessante por algo que nunca pode ser plenamente alcançado, refletindo a condição da subjetividade humana. Essa falta é uma parte crucial da experiência subjetiva, pois impulsiona o sujeito em sua busca por satisfação.

Lacan também divide a experiência humana em três registros: o Real, o Simbólico e o Imaginário. A subjetividade é formada na intersecção desses registros, onde o Simbólico (a linguagem e as normas sociais), o Imaginário (as imagens e as identificações) e o Real (o que escapa à simbolização) interagem, também chamado de nó Borromeano, ou seja, uma estrutura tridimensional em que o nó borromeano é

formado por três laços que estão entrelaçados de tal maneira que, se um deles for cortado, os outros dois se desintegram. Isso simboliza a interdependência dos registros. Cada registro é essencial para a configuração do sujeito e sua experiência.

Por fim, para Lacan, a subjetividade está relacionada à busca pela verdade do sujeito. A verdade não é algo acessível de maneira direta, mas se revela através da análise e da interpretação das falhas e das fissuras na subjetividade. Por isso que de Lacan evidencia em seus escritos uma não aceitação ao “penso logo existo” de Descartes como uma verdade fechada sobre o sujeito e a subjetividade, mas que se abre na fenda ou no não dito e pensado estará a verdade central daquele que busca sua própria interpretação. Portanto, a psicanálise torna-se um caminho para explorar essa busca pela verdade.

Em suma, a subjetividade, segundo Lacan, é uma construção complexa, marcada pela linguagem, pela fragmentação e pelas relações intersubjetivas, com a falta e o desejo como elementos centrais na experiência do sujeito. Esse sujeito falante e faltante busca sua interpretação através da linguagem. Essa visão desafia as concepções tradicionais de uma identidade unificada e destaca a dinâmica do inconsciente na formação da subjetividade.

O sujeito, portanto, é criado no espaço da intersubjetividade, onde suas experiências são moldadas pelas trocas simbólicas. Além disso, Lacan introduz a noção de que o desejo está sempre ligado a um objeto que nunca é completamente definido ou acessível, o que ele chamou de objeto a. Esse objeto é fundamental para a configuração do desejo e para a determinação do sujeito. A psicanálise aparece como uma dinâmica de forças internas e externas, e a hermenêutica interpreta aquilo que Freud inicia e Lacan reinterpreta, traduzindo-a em uma nova forma de interpretação. De sujeito para objeto e para o mundo a psicanálise lacaniana busca através do conceito de transferência marcar intensamente as suas relações.

2. O ESTÁGIO DO ESPELHO E A FORMAÇÃO DO EU

O estágio do espelho é uma das noções mais emblemáticas da obra de Jacques Lacan, introduzida inicialmente em seu texto "O Estádio do Espelho como

Formador da Função do Eu". Nesse conceito, Lacan descreve um momento crucial no desenvolvimento psíquico da criança, geralmente entre os 6 e 18 meses, quando o sujeito passa a reconhecer sua imagem refletida no espelho. Essa identificação com o próprio reflexo marca a emergência do "eu" como uma entidade unificada, ainda que ilusória, diante da experiência fragmentada do corpo vivida pela criança. Em (Lacan, J. 1977 pgs 92-95)

Esse ato, com efeito, longe de se esgotar, como no caso do macaco, no controle – uma vez adquirido – da inanidade da imagem, logo repercute, na criança, uma série de gestos em que ela experimenta ludicamente a relação dos movimentos assumidos pela imagem com seu meio refletido, e desse complexo virtual com a realidade que ele reduplica, isto é, com seu próprio corpo e com as pessoas, ou seja, os objetos que estejam em suas imediações.

Essa fase é fundamental para a constituição do ego e para o desenvolvimento da identidade. O estágio do espelho inaugura o domínio do simbólico, ao abrir caminho para a entrada do sujeito na ordem da linguagem e das leis sociais que estruturam o inconsciente. Lacan enfatiza que “o ego é um constructo do imaginário que está em tensão constante com o inconsciente estruturado pela linguagem”.

3. O PAPEL DA TRANSFERÊNCIA NA ANÁLISE

A transferência é um conceito fundamental na psicanálise, especialmente no Seminário 11, envolvendo a significação e a interpretação que o analisante atribui às suas emoções e experiências na relação com o analista. Lacan é categórico ao afirmar que uma análise se dá na transferência de um eu para um Outro. “Não analisamos a transferência, tampouco a interpretamos, mas é sob seus trilhos que podemos operar nosso método.” Neste contexto, a transferência não é apenas um aspecto a ser analisado, mas o próprio veículo da análise.

Lacan propõe uma reinterpretação provocativa da noção de sujeito a partir da linguagem. Para ele, o sujeito não é um ser unificado, mas sim um ser marcado pela divisão e pela falta. O sujeito é constituído na intersecção dos significantes dentro do campo da linguagem e da relação com o Outro, um sujeito atravessado por desejos

incessantes, carências estruturais, angústias existenciais e pela hiperestimulação promovida pela lógica da sociedade do espetáculo.

Nesta parte do trabalho, abordamos as experiências do sujeito faltante e falante em um contexto marcado pela incessante comercialização dos meios sociais e pela construção de necessidades artificiais. O sujeito contemporâneo consome diariamente muito mais do que seu corpo ou mente realmente necessita, resultando em um abafamento do verdadeiro eu. Essa identidade autêntica, frequentemente escondida atrás das redes sociais, é moldada por uma busca incessante por validação, onde seguidores se tornam avaliadores da vida de quem se torna famoso midiaticamente.

Esse fenômeno gera um paradoxo: enquanto a visibilidade nas redes sociais pode proporcionar uma sensação de conexão, resulta, paradoxalmente, em um profundo isolamento. O sujeito se vê aprisionado nas verdades ocultas que permeiam sua existência, mergulhando em uma complexidade que muitas vezes é ignorada pelo olhar superficial das interações digitais. Por exempli, a cena diante de um final de baile um casal de enamorados dançando sem pretensão dois homens possivelmente embriagados fazendo passos de dançarinos, agora ao olhar nos comentários a verdade que se encontra escondida: “alguém diz: enquanto eles vivem suas vidas com realidade nós os julgamos não vivendo as nossas”

Nas redes sociais, que prometem transparência e autenticidade, a realidade se torna uma ilusão. O que é exibido frequentemente carece de profundidade, e, em vez de revelar, oculta as nuances da experiência humana. Ademais, vivenciamos uma era em que somos bombardeados por informações impactantes — mortes, atrocidades, feminicídios, corridas armamentistas e guerras, sejam elas reais ou cibernéticas. A efemeridade dessas notícias contribui para uma cultura de desensibilização, onde eventos significativos se dissipam rapidamente na memória coletiva. Vencedores que emergem do nada, frequentemente impulsionados por algoritmos e tendências momentâneas, alcançam o auge da fama, mas logo caem no esquecimento, sendo substituídos por novas informações que surgem a cada segundo. Sem falar nos realites shows que expõe a vida, as misérias, as alegrias de alguém que com suas necessidades busca uma validação sem nada levar em alguns

meses seguintes. Nesse cenário, as bibliotecas físicas estão se esvaziando, enquanto os livros digitalizados, disponíveis para downloads instantâneos, criam uma falsa concepção de um eu saciado de informações. No entanto, essa abundância de dados muitas vezes carece de aprofundamento crítico, resultando em uma superficialidade que compromete o verdadeiro conhecimento. A quantidade de informações não se traduz em sabedoria; em vez disso, o sujeito se vê aprisionado em um ciclo vicioso de consumo de conteúdos rasos, sem a reflexão que promove o entendimento e o crescimento pessoal.

Assim, a análise das experiências do sujeito contemporâneo revela um panorama desafiador, onde a busca por conexão e significado é frequentemente sufocada por uma cultura de consumo e superficialidade, especialmente nos relacionamentos. Reconhecer essa dinâmica é essencial para compreender as complexidades da subjetividade na era digital e para promover um retorno ao aprofundamento e à autenticidade nas relações humanas.

As redes sociais, nesse cenário, operam como espelhos deformados do desejo: expõem imagens idealizadas de vidas completas, realizadas e felizes, acentuando, assim, a percepção de inadequação e de carência no sujeito. Aquilo que é exibido do outro é apenas o recorte idealizado, o que se pretende mostrar. E, diante disso, quem observa se vê em déficit, incompleto. É nesse ponto que emergem a ansiedade e o desamparo — sentimentos que Freud já identificava no início do século XX.

4. A ERA DIGITAL E A SUBJETIVIDADE CONTEMPORÂNEA

Na contemporaneidade, a presença das tecnologias digitais e das redes sociais intensifica as dinâmicas de desejo e inadequação, refletindo as angústias e carências estruturais do sujeito moderno ou também de novas formas de relacionamento ou de comportamento e diferenciação e possível diferenciação de gênero. A relação do sujeito com a tecnologia também pode ser vista como uma nova forma de espelho, onde a identidade é constantemente moldada e remoldada através de interações virtuais e da apresentação de si mesmo.

As redes sociais permitem que os indivíduos construam uma identidade idealizada, mas também geram uma pressão constante para se conformar a padrões muitas vezes inatingíveis. Esse fenômeno pode ser analisado à luz do conceito de objeto a, onde o desejo se torna uma busca incessante por validação e reconhecimento, mas que nunca é plenamente alcançado.

Reconhecer a falta e a busca incessante por satisfação nos permite vislumbrar possibilidades de habitar a própria existência de maneira mais autêntica. A psicanálise se torna uma ferramenta valiosa para entender essa dinâmica contemporânea, oferecendo um espaço de escuta e reflexão sobre as complexidades da subjetividade moderna.

5. METODOLOGIA

O presente estudo é estruturado como um artigo filosófico e psicanalítico que investiga a problemática da subjetividade, com especial atenção à constituição do sujeito conforme a teoria lacaniana, abordando aspectos como fragmentação, desejo e a era digital. Para a realização desta investigação, foi adotado um método descritivo que possibilitou uma análise aprofundada da obra de Jacques Lacan.

A pesquisa fundamentou-se em uma revisão bibliográfica abrangente, na qual foram selecionados e analisados os principais autores da área. Destaca-se a ênfase nas contribuições de Sigmund Freud, cujas ideias servem de alicerce para a compreensão dos conceitos lacanianos, especialmente nos seminários de Lacan. O processo de análise consistiu em uma abordagem qualitativa das informações coletadas, permitindo uma interpretação crítica e reflexiva dos textos. Essa análise possibilitou a construção de conclusões que elucidam a constituição do sujeito na teoria lacaniana e sua relação com os fenômenos contemporâneos, como a fragmentação da identidade e as dinâmicas do desejo na era digital.

6. ANÁLISE DE RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos resultados obtidos neste estudo revela a complexidade da constituição do sujeito na teoria lacaniana, especialmente em um contexto marcado

pelas novas tecnologias digitais e pela fragmentação da identidade. A partir das reflexões de Jacques Lacan, observamos que o sujeito é moldado não apenas por suas experiências internas, mas também pelas interações sociais e culturais que o cercam. Essa dinâmica evidencia a influência das relações simbólicas e da linguagem na formação da subjetividade, destacando a importância da linguagem como estrutura fundamental que organiza a experiência e o desejo.

Assim como Freud, que em "O Mal-Estar na Civilização" discorre sobre a tensão entre os desejos humanos e as exigências da sociedade, Lacan nos convida a considerar a maneira como o sujeito contemporâneo enfrenta as demandas da modernidade. O desejo, conforme Lacan, é intrinsecamente ligado a uma falta que nunca pode ser plenamente satisfeita, refletindo uma busca incessante por reconhecimento e validação. Essa busca se intensifica na era digital, onde as redes sociais funcionam como espelhos deformados que idealizam vidas, mas também acentuam a sensação de inadequação e carência do sujeito.

A análise das fases de desenvolvimento do sujeito, conforme discutido, revela que a experiência da falta inicial e a dinâmica do desejo são fundamentais para a compreensão das neuroses e das dificuldades relacionais enfrentadas pelo sujeito contemporâneo. A pressão social para se conformar a padrões muitas vezes inatingíveis cria um cenário de angústia e desamparo, semelhante ao que Freud descreve como as frustrações impostas pela civilização. O sujeito, portanto, se vê aprisionado em um ciclo de consumo superficial e busca de validação, que não apenas obscurece sua identidade autêntica, mas também contribui para a fragmentação da experiência subjetiva.

Além disso, a noção de "Outro", central na teoria lacaniana, ressoa com a análise freudiana sobre a civilização e seus descontentamentos. O sujeito busca incessantemente a validação do Outro, que representa a ordem simbólica e os significados sociais que moldam sua identidade. Essa interdependência cria um campo de tensões e conflitos, onde o sujeito se vê dividido entre o desejo e as expectativas sociais. Em meio a essa fragmentação, a psicanálise emerge como uma ferramenta valiosa para explorar e compreender as complexidades da subjetividade contemporânea.

A era digital, com suas incessantes demandas e estímulos, intensifica as angústias e carências que Freud identificou, levando o sujeito a uma busca de significado que muitas vezes se revela frustrante. Assim, a psicanálise se propõe a ser um espaço de escuta e reflexão, oferecendo ao sujeito a oportunidade de explorar suas experiências e desejos em um contexto que reconhece as particularidades do mundo atual. A relevância da psicanálise, portanto, reside em sua capacidade de adaptar-se às novas realidades e desafios, promovendo uma compreensão mais profunda das dinâmicas humanas e das complexidades do desejo no século XXI.

Em síntese, a análise dos resultados deste estudo aponta para a necessidade de se considerar a constituição do sujeito não apenas como uma questão individual, mas como um fenômeno intrinsecamente ligado às estruturas sociais e culturais. A psicanálise, sob a perspectiva lacaniana, oferece uma visão que desafia as concepções tradicionais de identidade unificada, ressaltando a fragmentação e a dinâmica do desejo como elementos centrais entre um significante e outro significante na experiência subjetiva contemporânea. Assim, o sujeito se revela como um ser em constante busca, imerso em um mundo repleto de desafios e possibilidades, onde a verdade de sua subjetividade reside nas fissuras e nas tensões que permeiam sua existência.

7. CONCLUSÃO

A teoria lacaniana proporciona uma perspectiva rica e complexa sobre a constituição do sujeito, ressaltando a fragmentação da identidade e o papel central da linguagem na formação do eu. Através dos conceitos de transferência e do estágio do espelho, é possível compreender como o sujeito é moldado por suas interações com o Outro e pelas marcas deixadas pelo inconsciente. Nesse processo, a linguagem emerge não apenas como um meio de comunicação, mas como a estrutura fundamental que organiza a experiência subjetiva.

Na era digital, a constituição do sujeito enfrenta novos desafios e dinâmicas. A presença constante das redes sociais e das tecnologias de comunicação cria um ambiente onde a identidade é frequentemente moldada e remoldada em um espaço

público virtual. Nesse contexto, o sujeito contemporâneo busca validação e reconhecimento por meio de representações idealizadas de si mesmo, o que pode resultar em uma experiência de alienação e fragmentação ainda mais acentuada. A busca incessante por likes e seguidores pode levar a uma superexposição da intimidade e a um distanciamento da autenticidade, criando uma dicotomia entre o eu real e o eu virtual.

Além disso, a dinâmica do desejo, conforme discutida por Lacan, assume novas formas na era digital. O desejo do sujeito é frequentemente direcionado a objetos que são efêmeros e inatingíveis, refletindo uma falta que é amplificada pela constante comparação com as vidas idealizadas apresentadas nas plataformas digitais. Essa incessante busca por satisfação pode resultar em um estado de insatisfação crônica e angústia, uma vez que o que se apresenta como uma solução para a solidão e a carência emocional pode, paradoxalmente, aprofundar esses sentimentos.

A psicanálise, ao se debruçar sobre essas questões, se torna um espaço propício para a escuta e a reflexão, adaptando-se às novas realidades e desafios que emergem na sociedade contemporânea. A compreensão da subjetividade, marcada pela influência das tecnologias digitais, pela fragmentação da identidade e pela busca por reconhecimento, reafirma a importância da psicanálise na análise das dinâmicas humanas e das complexidades do desejo.

Portanto, o legado de Lacan se revela fundamental para decifrar as intrincadas relações que permeiam a experiência subjetiva no mundo atual, oferecendo um arcabouço teórico capaz de iluminar os caminhos que o sujeito deve percorrer em sua busca por significado e autenticidade em um cenário cada vez mais complexo e tecnológico. A psicanálise, assim, não apenas se adapta, mas se transforma em uma ferramenta vital para o entendimento das questões contemporâneas que envolvem o sujeito na era digital.

REFERÊNCIAS

BIRMAN, J. **A modernidade e a subjetividade**. Rio de Janeiro: Editora UFMG, 2006.

CODATA, A. **A psicanálise e as novas tecnologias: um desafio contemporâneo**. São Paulo: Editora Blucher, 2022.

FREUD, S. **A interpretação dos sonhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1900.

LACAN, J. **O estágio do espelho como formador da função do eu**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1949.

LACAN, J. **Escritos I Jacques Lacan**; tradução: Vera Ribeiro – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

LACAN, J. **O seminário 1: os escritos técnicos de Freud**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1953.

LACAN, J. **O seminário 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1973.

LACAN, J. **O seminário 20: mais além do princípio do prazer**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1975.

SIBILIA, P. **A sociedade do cansaço**. São Paulo: Editora 34, 2014.

Recebido em 09/09/2026

Versão corrigida recebida em 30/04/2026

Aceito em 30/07/2026

Publicado online em 01/08/2026